REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 335

11 DE ABRIL 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabou a epocha lyrica de Lisboa.

A ultima semana do theatro de S. Carlos, foi uma semana de festas:—beneficio de Regina Paccini, de Helena Theodorini e dos irmãos Andrades.

Não se póde dizer que a epocha de 1887-1888 fosse das mais brilhantes do nosso theatro lyrico, entretanto foi assignalada por uma série de factos theatraes importantes: a apresentação em Lisboa dos nossos illustres compatriotas o tenor Antonio d'Andrade e o barytono Francisco d'Andrade, a estreia triumphal de Regina Paccini, a vinda a Lisboa da distincta cantora Emma Nevada e do tenor francez Talazac, as recitas da Patti e finalmente a representação da *D. Branca*, a magnifica opera de Alfredo Keil, que tão grande e unanime *successo* teve.

A epocha theatral encerrou-se no sabbado 7, com o beneficio dos irmãos Andrades e ao mesmo tempo com a despedida d'elles e de todos os artistas que tomaram parte no espectaculo, despedida que foi tanto mais enthusiastica e ruidosa, quanto era já sabida do publico que nenhum d'esses artistas figura no elenco da proxima epocha lyrica, e que despedindo-se d'elles, não sabia ao certo até quando.

Effectivamente nem a Helena Theodorini, nem a Figuet, nem o Francisco e Antonio de Andrade, nem a Prandi, nem o maestro Mancinelli vem reconduzidos para a estação de 1888-1889, ultima da empreza Campos Valdez.

No elenco já conhecido, Helena Theodorini é substituida pela sr.ª Tetrasini, que n'esta epocha cantou no theatro real de Madrid; a sr.ª Figuet pela nossa conhecida e famosa contralto Giuseppina Pasqua; Francisco de Andrade pelo barytono Batistini, e o maestro Mancinelli pelo maestro Campanini.

Tenor ainda não está escripturado nenhum que nos conste; e esse tenor não é facil de encontrar, primeiro, porque um bom tenor não é das coisas que abundem hoje mais no mundo lyrico, segundo, porque para a epocha proxima o que convinha em S. Carlos era um tenor que pudesse cantar o reportorio da Pasqua, isto é, cantar n'uma noite o *Propheta*, e na outra a *Favorita*, hoje a *Carmen* e amanhã o *Lohengrin*.

Tem-se fallado em muitos tenores, até já se fallou no Tamagno, mas os nomes que se citam com mais probabilidades são o do tenor Dereims, que cantou ha dez annos em S. Carlos, n'uma *troupe* d'opera comica franceza, que depois se dedicou á carreira italiana, onde tem alcançado grandes *successos*, especialmente na *Carmen*, em que dizem ser elle eximio, e o do Ortisi, que o publico de Lisboa conhece muito bem.

Da companhia actual de S. Carlos, os unicos artistas reconduzidos para a futura epocha, são o maestro Pontecchi, o baixo Paulo Meroles e a *prima-dona* Regina Paccini.

Foi o beneficio d'esta gentilissima cantora que abriu na ultima semana as festas artisticas em S. Carlos.

N'essa noite Regina cantou os *Puritanos*, que se deram em primeira e unica representação, com um desempenho deploravel, de que apenas se salvou brilhantemente a juvenil artista.

Depois dos *Puritanos*, Regina Paccini cantou muito notavelmente, em hespanhol, umas *malagueñas*, com letra allusiva ao publico de Lisboa, e que causaram grande enthusiasmo.

A beneficiada foi muito festejada; não lhe faltaram flores, applausos e brindes valiosos.

O segundo beneficio foi o da Theodorini.

O espectaculo d'essa noite compunha-se de 3 actos da *D. Branca*, a canção do rei de Thule, a aria das joias do *Fausto*, e o ultimo acto da *Gioconda*.

Theodorini apesar de ainda um pouco adoentada, cantou explendidamente toda a noite, e então no acto da *Gioconda* foi verdadeiramente extraordinaria.

O publico, que durante todo o espectaculo a festejára muito, no fim d'esse maravilhoso trabalho artistico do 4.º acto da opera de Ponchielli, fez-lhe uma ovação colossal.

No seu camarim, n'essa noite, a grande cantora foi cumprimentada por muitas das individualidades mais distinctas da sociedade de Lisboa e teve um sem numero de brindes, figurando em primeiro lugar o que lhes foi offerecido por suas altezas os duques de Bragança.

O terceiro e ultimo beneficio foi o dos irmãos Andrades, e foi uma festa brilhantissima.

Além de tres actos da *D. Branca*, Antonio de Andrade cantou n'essa noite o 1.º quadro da

SARAH BERNHARDT

Favorita acompanhado pelo sr. Roveri e Francisco d'Andrade o terceiro acto do *Ernani*, com a Theodorini, Antonio d'Andrade, Roveri e córos.

O *successo* enorme alcançado por esse 3.º acto do *Ernani* foi extraordinario, e evidentemente se o *Ernani* se tivesse dado este anno com aquelles magnificos executantes, a velha opera de Verdi, teria sido um dos *successos* da epocha. Francisco d'Andrade, na parte de Carlos 5.º, foi magistral e o publico fez-lhe uma ovação enorme e merecidissima.

Na *Favorita*, Antonio d'Andrade foi tambem e justamente applaudido, apesar das recordações terriveis com que tinha a luctar, as recordações muito frescas ainda do Massini e do Gayarre, do Gayarre de quem a *Favorita* é a mais notavel corôa de gloria.

E com o beneficio dos irmãos Andrades, fechou a epocha lyrica, e fechou com uma das festas artisticas mais enthusiasticas e brilhantes que se tem feito em S. Carlos.

Não podemos hoje continuar—por abundancia de assumptos de momento e pela falta de espaço—a tratar dos incendios nos theatros, como promettemos na nossa ultima chronica e a apreciar as providencias tomadas para segurança do publico em caso de sinistro.

Essas providencias já começaram a apparecer, mas por emquanto com um caracter provisorio e sem obedecer a um plano maduramente estudado e discutido.

O que se tem feito até agora é mandar vistoriar as casas de espectaculo por uma commissão que tem determinado as modificações e obras que entende convenientes.

Como dissemos não temos hoje espaço para apreciar e discutir essas determinações da commissão de vistoria; fal-o-hemos mais tarde; entretanto o que desde já notamos é a falta de um regulamento em ordem, que seja imposto a todos os theatros, sem excepção, regulamento que deve ser elaborado com todo o escrupulo, sem exaggeros nem parcialidades, por pessoas cuja competencia no assumpto seja provadamente reconhecida, parecendo-nos comtudo indispensavel que na confecção d'esse regulamento fossem ouvidos os emprezarios de theatro, que podem com a sciencia, que no assumpto a pratica lhes tem dado, prestar relevantes, e diremos mais, indispensaveis e insubstituiveis serviços n'esse trabalho.

O movimento de caridade a favor das victimas do incendio do Baquet continúa por todo o paiz e pelas colonias portuguezas no estrangeiro, e monta já a cifra avultada a importancia total das esmolas recebidas. Amanhã, 12, deve realisar-se em S. Carlos o sarau litterario e musical promovido pela imprensa de Lisboa para as victimas, festa que deve ser excepcionalmente brilhante, tomando n'ella parte os dois mais notaveis oradores de Portugal, Antonio Candido e Pinheiro Chagas, o eminente litterato que pela primeira vez apparece em publico depois da aggressão de que foi victima, que poz em grave perigo os seus preciosos dias, e que alvoroçou durante semanas todo o paiz.

No Porto a dolorosa impressão produzida pela medonha catastrophe do Baquet é a cada momento avivada lugubremente pelas fataes consequencias que d'essa tremenda desgraça estão apparecendo.

Agora sobre aquella infeliz cidade paira um grande terror, que praza a Deus não seja justificado:—o terror de uma epidemia, causada pelos miasmas que se exhalam dos escombros do theatro incendiado.

O cheiro que vem d'esse entulho, todo amalgamado com sangue e com carne humana era nauseabundo nos primeiros dias e receia-se que as ruinas do theatro Baquet se tornem um perigosissimo foco de infecção para toda a cidade.

E infelizmente alguns casos de febres de caracter typhoso tem aggravado esses terrores e essas apprehenções.

Uma das victimas d'essas febres, foi a graciosa actriz Thomasia Velloso, uma das actrizes mais galantes e talentosas do nosso theatro, e em quem as pessoas, que pensam em coisas de theatro, depositavam as mais bem fundadas esperanças.

Thomasia Velloso devia ter vindo a Lisboa com a companhia do theatro do Principe Real, que está dando uma serie de espectaculos no theatro da Avenida.

Thomasia era a estrella d'essa *troupe*, mas quando a companhia estava para sahir do Porto, a formosa actriz adoeceu ou, antes, peiorou d'esse ligeiro incommodo, que tinha e a companhia veiu sem ella.

D'ali a dias soube-se que a doença, aggravando-se dia a dia, degenerára n'um typho: quarenta e oito horas depois veio a noticia da morte de Thomasia Velloso.

Esta lugubre novidade contristou profundamente todos que conheciam a gentil rapariguinha, que tinha um talento de primeira ordem, a quem a arte promettia um futuro glorioso, e a quem a fatalidade deu uma triste cova, aos vinte e quatro annos.

Mas a doença de que morreu Thomasia Velloso não se prenderá por mais d'uma rasão á medonha catastrophe do theatro Baquet?

Thomasia morava quasi defronte do theatro, e na noite do fogo levantára-se da cama e viera meio despida e descalça, para a janella, assistir ao espectaculo da horrivel tragedia.

D'ahi um forte defluxo que dentro em pouco se transformou n'um typho.

Não contribuiriam para essa transformação os miasmas que se exhalam do monturo do incendio, esses miasmas que tanto estão preoccupando a população do Porto?

Não será esse typho um symptoma terrivel de que não deixam de ter razão essas preoccupações?

É necessario que as auctoridades do Porto olhem muito seriamente para isso, para que a segunda cidade do reino não tenha sobre a medonha catastrophe que a enluctou, todos os horrores d'uma terrivel e mortifera epidemia.

E agora que fallámos em auctoridade, lembrounos o caso do engano dos peritos na autopsia do cadaver do major Picão, esse engano que atirou para a cadeia com um pobre innocente, que não sabemos como a justiça pensa em indemnisar do incommodo e deshonra soffridos.

Falta-nos hoje o espaço para tratar d'esse assumpto gravissimo, que com sobejas razões aterra toda a gente, porque toda a gente está subjeita a ser protogonista d'esse drama *Correio de Lyão* que a justiça portugueza ia começando a escrever; que faz pensar com verdadeiro horror não só nas consequencias que podia ter para o pobre cabelleireiro Paiva, como tambem n'aquellas, que enganos semelhantes terão tido para um sem numero de creaturas que nas cadeias e no degredo expiam crimes d'envenenamento que Deus sabe se ellas commetteram ou não.

Segundo a noticia d'um jornal de Lisboa, tem havido n'estes ultimos annos cerca de 100 reus condemnados pelo crime d'envenenamento, com arsenico.

Os peritos foram em quasi todos esses casos os mesmos que hoje vieram declarar em juizo que se tinham enganado por causa da impureza d'um dos reagentes chimicos empregados na analyse das victimas.

E essa impureza e esse engano dar-se-hiam só agora?

Como vêem o caso é de summa gravidade e trataremos d'elle mais detidamente na proxima chronica, para a qual teremos tambem assumpto muito menos tragico e muito mais festivo—as recitas da grande actriz Sarah Bernhardt, que, ás horas em que nos lerem terá já começado no theatro de D. Maria as suas representações.

Gervasio Lobato.

SARAH BERNHARDT

Não ha no theatro moderno individualidade mais original, mais caracteristica, mais poderosa e mais brilhante que a d'essa excepcional artista e excepcional mulher, que pela segunda vez dá a Lisboa a honra da sua visita, e dá aos lisboetas o estranho e delicado prazer de ouvirem a sua voz d'ouro, de se fascinarem com as manifestações assombrosas do seu genio maravilhoso.

Sarah Bernhardt occupa na arte dramatica um logar proeminente, um logar unico, não só na França; mas no mundo inteiro.

A Europa e a America tem as suas grandes artistas; a Inglaterra, a Allemanha, a Austria, a Italia, New-York e Philadelphia orgulham-se das famosas artistas, que são a gloria da sua arte nacional, mas Sarah Bernhardt não é a gloria da arte franceza, é a gloria mais radiante de toda a arte contemporanea.

«Como artista, Sarah, não tem escola, e não tem esthetica: não é senão artista, dizia d'ella ha annos Emilio Bergerat. Vae onde o Bello a chama. Saudo n'ella a imperatriz dos aventureiros da idéa moderna.»

A biographia de Sarah Bernhardt é bem conhecida de todos, bem conhecidas de todos as suas excentricidades ruidosas, os seus caprichos fantasticos, a multidão de aptidões variadissimas, que, mesmo que ella não fosse uma artista excepcional, fariam d'ella uma excepcional mulher.

Sarah Bernhardt não se contenta em ser uma comediante unica, tão notavel na tragedia, como no drama, como na comedia; é esculptora, é pintora, é escriptora e ainda ultimamente o *successo* enorme com que foi acolhida no Odeon a sua primeira peça de theatro, o drama em 1 acto *L'aveu*, consagrou-a auctora dramatica.

Nunca no mundo artistico se admirou uma organisação tão extraordinaria, uma individualidade tão poderosamente accentuada.

A grande actriz esteve em Lisboa ha seis annos, em 1882, e deu quatro representações no theatro do Gymnasio com a *Dama das Camelias*, *Frou-frou*, *Esphynge* e *Princeza Georges*.

O exito d'essas representações foi colossal, nunca visto na nossa terra; todas as noites desde a porta do palco do Gymnasio até ao hotel Bragança estacionava uma multidão enorme, esperando a passagem de Sarah Bernhardt, para ver a celebre artista tão fallada em todo o mundo.

N'esse tempo, o reportorio de Sarah Bernhardt era já vastissimo; d'então para cá tem augmentado ainda com peças novas de grande *successo* em Paris, como a *Theodora*, a *Fedora* e a *Tosca*, as tres ultimas creações de Sarah, duas das quaes a *Fedora* e a *Tosca*, ella trouxe no seu reportorio de viagem. Além d'essas peças que creou em Paris, a celebre artista estudou para representar no estrangeiro, peças que os parisienses nunca tiveram a felicidade de ver desempenhadas por ella, como o papel de Francillon, de Thereza Raquin, e da condessa Martha, do seu drama *L'aveu*.

O prestigio enorme do nome de Sarah Bernhardt é de tal ordem, tão profundas as impressões que ella deixou em Lisboa, que com a sua segunda visita á nossa cidade deu-se um facto verdadeiramente notavel e original.

Da primeira vez que aqui esteve Sarah, abriu assignatura apenas por tres representações e com preços extraordinariamente elevados para os nossos theatros, e a assignatura cobriu-se immediatamente; agora volta cá, em vez da assignatura ser por tres recitas, é por oito, os preços são ainda mais elevados que da primeira vez, o theatro é muito maior, e apesar d'isso a folha d'assignatura quasi que se encheu logo: quer dizer, da primeira vez quem nunca tinha visto Sarah Bernhardt, queria vel-a; agora, aquelles que então a não viram, querem vel-a e aquelles que a viram não querem deixar de a ver outra vez.

É o maior elogio que se póde fazer a uma artista.

O Occidente, publicando hoje o retrato de Sarah Bernhardt, regista, como é seu dever, essa visita, que é para Lisboa um acontecimento de primeira ordem, e saúda a grande e celebre comediante, na sua passagem pelo nosso paiz.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

MIGUEL CARLOS CORREIA PAES

Em o n.º 333 do Occidente, de 21 de março, démos aos nossos leitores a triste noticia da morte do distincto engenheiro sr. Miguel Carlos Correia Paes, e hoje publicamos o seu retrato, como justa homenagem ao benemerito patriota, de boa tempera de que, infelizmente, vão rareando, sob este ceu benefico da patria, que tantos filhos dedicados e probos tem criado.

Faltam-nos dados biographicos que não podémos obter, mas o valor de Miguel Paes está affirmado em tantos trabalhos, a sua actividade manifestou-se tão brilhantemente, e provou a sua excepcional intelligencia em tantas commissões que lhe foram confiadas, que a falta de dados minuciosos pouco importa, para quem tanto evidenciou as raras qualidades do seu espirito.

Miguel Paes era um homem do futuro, tinha o arrojo das grandes empresas, e via claro onde muitos vêem escuro. As suas vistas iam longe, iam alem do limite dos espiritos vulgares, e d'ahi o chamarem-lhe utopista, classificação com

que elle nada se incommodava e a que allude na *Advertencia* da sua obra *Melhoramentos de Lisboa e seu Porto*, quando diz: «Apesar de muitas pessoas os terem considerado como *utopias* (1) e classificado o seu auctor de *louco e visionario*, declaro desassombradamente que, se de alguma coisa tenho a arrepender-me, é de os não ter apresentado com a grandiosa concepção com que primitivamente os delineei».

Esta obra, em que elle reuniu tudo quanto publicou na imprensa diaria, principalmente no *Diario de Noticias*, é por si bastante para merecer a gratidão dos seus conterraneos, pela grande somma de estudo e de trabalho que representa, grande parte dos quaes já hoje tem aproveitado para os melhoramentos que se tem posto em pratica na capital.

Quantos projectos gigantescos não foram concebidos pelo notavel engenheiro, e se acham estudados na sua obra.

Enumeremos rapidamente alguns d'esses projectos, que para muitos serão novidade, e outros terão esquecido: tunnel entre o largo do Pelourinho e o largo do Corpo Santo, estudado por uma commissão nomeada pelo ministro das obras publicas em 1871, e sobre que faz varias considerações ampliando o projecto; viaducto metallico entre o largo do Caldas e o Chiado na extensão de 330 metros, atravessando por sobre as edificações da cidade baixa; avenida do palacio legislativo, entre a rua Larga de S. Roque e o largo de S. Bento, na extensão de 800 metros com um viaducto metallico por sobre a rua de S. Bento a entestar com o palacio das Cortes; tunnel entre a rua de S. Vicente, á Guia, e a rua de Santo Antão; grande viaducto metallico entre o monte da Graça e o monte da Estrella; linha de tunneis entre o largo do Intendente e a rua de S. Bento; mercados de Lisboa, etc.

Todos estes projectos que se afiguram hoje demasiadamente ambiciosos, poderão deixar de o ser ámanhã, e estamos certos que o desenvolvimento da capital os hade tornar necessarios mais tarde ou mais cedo, como já se tem posto por obra melhoramentos que ainda ha poucos annos eram tidos por impraticaveis.

Entre os melhoramentos de Lisboa não esqueceu a Miguel Paes as obras do porto, esse grande problema que tanto custou a resolver e em que se pensou ha mais de um seculo.

O segundo volume da sua obra é especialmente dedicado a este assumpto, apresentando todos os projectos que se teem elaborado, incluindo um seu.

Este volume encerra-o elle com as seguintes palavras, em que se revela bem a impaciencia do seu espirito por vêr feitas as obras do porto de Lisboa e a importancia em que as tinha:

«Por esta fórma fica completa a historia dos melhoramentos do porto de Lisboa desde a epocha mais remota, de que se encontraram documentos, até hoje 24 de dezembro de 1884.

«As camaras legislativas abriram-se em 15 do corrente, o projecto de lei tem a approvação das commissões de fazenda e obras publicas da camara dos deputados anterior; é uma questão da mais alta importancia para o paiz e para Lisboa; mas, apesar da boa vontade do ministro das obras publicas, receio que se consuma toda a sessão em discussões estereis sobre a reforma de alguns artigos da Carta, (que só precisa como reforma essencial ter a força necessaria para obrigar todos a cumprir os seus preceitos) e não chegar o tempo para tratar d'este e de tantos outros assumptos de administração publica, que é aquillo de que mais carecemos.

«Encerro, portanto, este volume, ficando as cousas n'este estado. No seguinte darei conhecimento aos leitores do que se passar, que não seria duvidoso, se os habitantes de Lisboa, tivessem, sequer, metade da energia dos do Porto; haja vista o que succedeu com o porto de Leixões, que já está em construcção, em quanto os melhoramentos do porto de Lisboa estão ainda simplesmente em projecto, que Deus sabe se será approvado n'esta legislatura!!!»

Quando Miguel Paes se occupava d'estas questões que lhe deviam consumir muito tempo e estudo, tinha a seu cargo a direcção thechnica dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, encargo que para elle merecia todas as attenções, porque ninguem mais do que elle era zeloso no cumprimento dos seus deveres, ninguem mais do que elle encarava a serio as responsabilidades do seu cargo.

A sua actividade e intelligencia na direcção d'aquella linha, está provada nas obras que deixou, devidas á sua iniciativa e zelo, muito especialmente na organisação das officinas, onde conseguio que se fizessem trabalhos em prefeita competencia com os estrangeiros, em qualidade e custo, como o provou com um opusculo ultimamente publicado e que nos parece ter sido a ultima obra que deu á luz.

Reservava elle como uma gloria sua, a construcção da estação do Barreiro, e tinha razões para isso, porque aquella obra foi por muito tempo julgada impossivel de fazer, pela falta de fundamentos solidos para os alicerces, opinião de que partilhavam até alguns engenheiros estrangeiros.

Mas Miguel Paes com a energia e o talento que o distinguiam, conseguiu vencer as difficuldades materiaes que se apresentav. m e lá levantou um edificio elegante e solido que bem poderá reputar-se um monumento honroso para o seu auctor.

Dissémos que nos faltavam dados biographicos para compormos a biographia de Miguel Paes, entretanto já levamos doze quartos de papel escriptos e muito mais poderiamos escrever, se tivessemos a pretensão de fazer a sua biographia e se o espaço não nos escaceiasse.

Facilmente se encontra que referir de quem tanto trabalhou, e sem nos determos em datas e postos militares, que tudo ficou referido na noticia a que alludimos, no principio d'este artigo, temos dito o bastante para mostrar a importancia do benemerito funccionario, do distincto engenheiro e do bom portuguez que Portugal acaba de perder.

(1) Allude aos melhoramentos de Lisboa.

AMBRIZETTE

O paquete d'Africa trouxe-nos a grata noticia da occupação definitiva do Ambrizette pelo governador portuguez, no districto do Congo, o sr. Neves Ferreira.

Este facto, da mais alta importancia para a soberania e prestigio portuguez em Africa, antes de alegrar a metropele, foi motivo do maior enthusiasmo em Loanda.

O Ambrizette está situado em 7° 19' de latitude Sul e 12° 56' de longitude Este.

É por emquanto de pouca população, constituida por seis feitorias, das quaes tres são inglezas, duas francezas e uma hollandeza.

O Ambrizette é o ponto mais importante entre Banana e o Ambriz, onde aliaz se encontra Muculla, Quizáo, Cacongo, Mangue Grande, Mazamandombe, Cabeça da Cobra e Mangue Pequeno.

A occupação do Ambrizette, realisada no dia 22 de janeiro ultimo, foi officialmente communicada ao governador geral da provincia de Angola, pelo sr. Neves Ferreira, no seguinte officio que transcrevemos, como um documento importante para a historia da Africa Portugueza:

«Ill.^mo e ex^mo sr. — Tenho a honra de communicar a v. ex.ª, para os devidos effeitos, que cheguei a este porto no dia 22 do corrente, das 10 para as 11 horas (da m.), e comecei desde logo a preparar as coisas para o desembarque que começou proximo da 1 hora por ser de toda a conveniencia que as praças fossem para terra depois do rancho do meio dia.

«Perfeitamente conhecedor de todas as circumstancias do porto, em virtude do prévio reconhecimento, a que se tinha procedido, consegui fundear bastante proximo da terra mesmo a barca *Cabinda*, chegando o vapor *Cacongo* a estar a menos de 400 metros da praia, bem como o vapor *Massabi*, que não chegou comnosco por ter regulado o seu andamento de fórma a não chegar primeiro, porque depois o andamento da barca *Cabinda* a reboque do *Cacongo* se elevou durante a calma da noite a 7 milhas.

«Mandei primeiro pôr em terra um bote com o residente, alguns operarios e serviçaes indigenas; tendo conseguido ter gente em terra para pegar nos botes que fossem chegando, mandei embarcar por esquadras o primeiro pelotão da companhia de manobra que trazia, seguindo eu para terra logo após esse pelotão, cujas primeiras facções levaram ordens para occupar immediatamente uma elevação de terreno ao S. da povoação, que está apoiada n'uma lagoa e fica á rectaguarda da feitoria ingleza Hatton & Cookson, seguindo-se logo o outro pelotão tambem por esquadras, começando a desembarcar a artilheria por secções devidamente municiadas, bem como uma secção de cosinha e bagagens, terminando esta parte do desembarque pela noite dentro, correndo tudo com a maxima felicidade, pois nem sequer se perdeu uma arma ou o mais ligeiro artigo de equipamento; antes de desembarcar a artilheria e para bem garantir o desembarque d'esta, fiz desembarcar uma fraca secção de marinheiros que foi possivel organisar. Em seguida e simultaneamente com o desembarque procedeu-se ao acantonamento da força, estabelecendo-se os necessarios postos de segurança.

«No dia seguinte 23 tratou-se logo de manhã de arvorar um mastro, com que vinha prevenido de Cabinda, arvorando ali a bandeira proximo das 3 horas da tarde, fazendo a continencia toda a força disponivel, dando a bateria uma salva de 21 tiros, enbandeirando nos topes os navios e simulando tambem uma salva de 21 tiros as quatro peças dos dois navios.

«Fez-se esta ceremonia na presença do *Bocca de Rei* e de mais principes, que tinha mandado chamar e que vieram acompanhados de muito povo. Significuei-lhes que vinha tomar conta d'esta terra em nome do rei de Portugal, mas com as melhores intenções a respeito d'elles, pois que nenhum mal se lhes fazia se elles se portassem bem, e que ia içar a bandeira portugueza. Como elles me dissessem que eu não devia içar a bandeira sem o rei o permittir, respondi-lhe que eu não vinha pedir licença ao rei para içar a bandeira, e que a içava quer elles quizessem quer não, e que os convidava para ver. Ficou de voltar a conferenciar commigo para dizer em que disposições estava o rei; voltando no dia 26, dizendo afinal que acceitavam os factos consummados. O negocio nas feitorias tem continuado a fazer-se, e a disciplina e boa ordem mantida até agora tem evitado todos os conflictos. Haja o que houver depois, o que e certo é que n'este momento o Ambrizette está occupado e aqui só fluctua a bandeira portugueza.

«Deus guarde a v. ex.ª—Quartel no Ambrizette, 28 de janeiro de 1888.—Ill.^mo e ex.^mo sr. conselheiro governador geral da provincia de Angola.

«*João Antonio de Brissac das Neves Ferreira*, capitão de fragata, governador do Congo.»

QUELIMANE — LUANE DO MARRAL

A nossa gravura representa a propriedade do sr. Romão de Jesus Maria, no praso Marral. Já n'um dos ultimos numeros d'esta revista démos a gravura do Nhandôa tambem pertencente ao praso Marral, e onde Romão de Jesus tem uma pequena casa, que se póde chamar o hotel dos viajantes que por ali passam e a quem Romão offerece hospedagem com a maxima bizarria.

O luane do Marral é inquestionavelmente uma das propriedades agricolas mais importantes do districto de Quelimane, e foi já minuciosamente descripta no *Jornal da Noite*.

Uma boa propriedade no centro de um vasto recinto arborisado, fechado por estacaria, com quatro grandes armazens; em volta da estacaria uma larga rua, grandes plantações de coqueiros e canna saccharina, separadas por longas avenidas que dão um aspecto agradavel a esta propriedade, eis o que nos mostra o desenho.

Para a sua situação se tornar mais pittoresca é o luane do Marral banhado pelo rio Loala.

O praso Marral dado d'arrendamento ao benemerito cidadão Romão de Jesus Maria, tem prosperado tanto, que no meio de umas medidas de rigor adoptadas pelo governador geral de Moçambique contra os arrendatarios dos prasos da Zambezia a quem rescindiu os contractos de arrendamento, Romão de Jesus foi um dos poupados, continuando com a sua extraordinaria actividade a desenvolver a agricultura e a industria nos prasos que traz de renda.

Dando hoje o desenho do Marral folgâmos em prestar, n'esta occasião, homenagem de respeito e consideração a esse infatigavel e digno filho de Quelimane que pelo seu perseverante trabalho e pelas suas distinctas qualidades tem grangeado a estima publica e tornado o praso de que é arrendatario uma das melhores propriedades agricolas do districto de Quelimane.

A. F.

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

IGNEZ DE CASTRO, QUADRO DE VILLAÇA

O quadro *Ignez de Castro*, do sr. Villaça, era um dos que mais chamavam a attenção do visitante, tanto pelo assumpto, como pela maneira porque estava tratado.

Em uma estreita téla, esguia, está pintada a *formosa Ignez* sentada á sombra de frondosa arvore, como ainda hoje as ha na quinta das Lagrimas,

theatro dos seus amores e das suas desventuras.

Um certo tom vaporoso envolve esta pintura, que não brilha seguramente pela nota colorista, mas que tem certa correccção e sentimento.

A moldura de madeira fosca, em estylo gothico, casava-se perfeitamente com o quadro offerecendo o conjuncto novidade de bom gosto.

Este quadro foi logo, no primeiro dia da exposição, adquirido pelo sr. marquez da Foz.

O sr. Villaça é um estudante das escolas de Paris, que está dando bellas provas do seu aproveitamento.

N'esta exposição apresentou oito quadros que todos tinham qualidades apreciaveis.

MIGUEL CARLOS CORREIA PAES — Fallecido em 17 de março de 1888

(Segundo uma photographia)

A CHEIA

Seis diligentes sachadeiras em rancho, laboriosamente, escavavam ao de leve a terra humida e molle, que rescendia como um forte bafio saudavel. Atravessadas na larga e extensa belga semeada de milho, dobrando penosamente os seus corpos seccos e ossudos de trabalhadeiras pobres, com os pés atolados até aos tornozellos, retezavam os magros braços encourados de surro, empunhando as enxadas, e faziam um continuo ruido metallico, que se afogava no solo; e por traz d'ellas, no terreno remexido de fresco, planamente composto e d'uma côr de castanha unida, as pequenas fitas rareadas, tenras e tesas, do milharal crescente, estremeciam arrepiadas d'um vento manso.

Todas garganteavam, de enfiada, as velhas cantigas consoladoras das canceiras, n'uma berraria prolongada e agreste; as vozes enchiam o ar, vibrantes, o ar sereno e afagante em que os derradeiros vestigios hostis do frio se adoçavam nas primeiras ardencias radiosas do calor; e a toada do canto rustico casava-se alegremente com a loura jocundidade do sol de maio, ao mesmo tempo que pelas ramarias enfolhadas os passaros gorgeavam, palpitavam tremuras d'azas, no doce labor amoroso dos ninhos. Das arvores cahira já, pouco a pouco, em torneantes vôos de borboletinhas leves, ou aos frocos perfumados d'uma neve que seccou no chão, o alvo e rosado toucado das efflorescencias fragrantes; e o grande cheiro confortador da primavera, agora, era todo feito violentamente das impregnantes exhalações das seivas, no universal remoçamento da vida, que de novo embellezava de verduras renascentes os dorsos pedregosos das montanhas, e dava á vasta paizagem, cavada profundamente de valles irregulares, a semelhança d'um extraordinario bloco impuro de esmeralda, polida ou baça por sitios, sob o azul do ceu soalheirado.

Mas uma das sachadeiras, rapariga delgada e desembaraçada, com um lenço vermelho atadó em gôrro sobre os cabellos ruivos, quando se voltou para desfazer com o olho da sachóla um grosso torrão, largou uma exclamação d'espanto:

— Ih, credo!

— Que te deu mulher?!

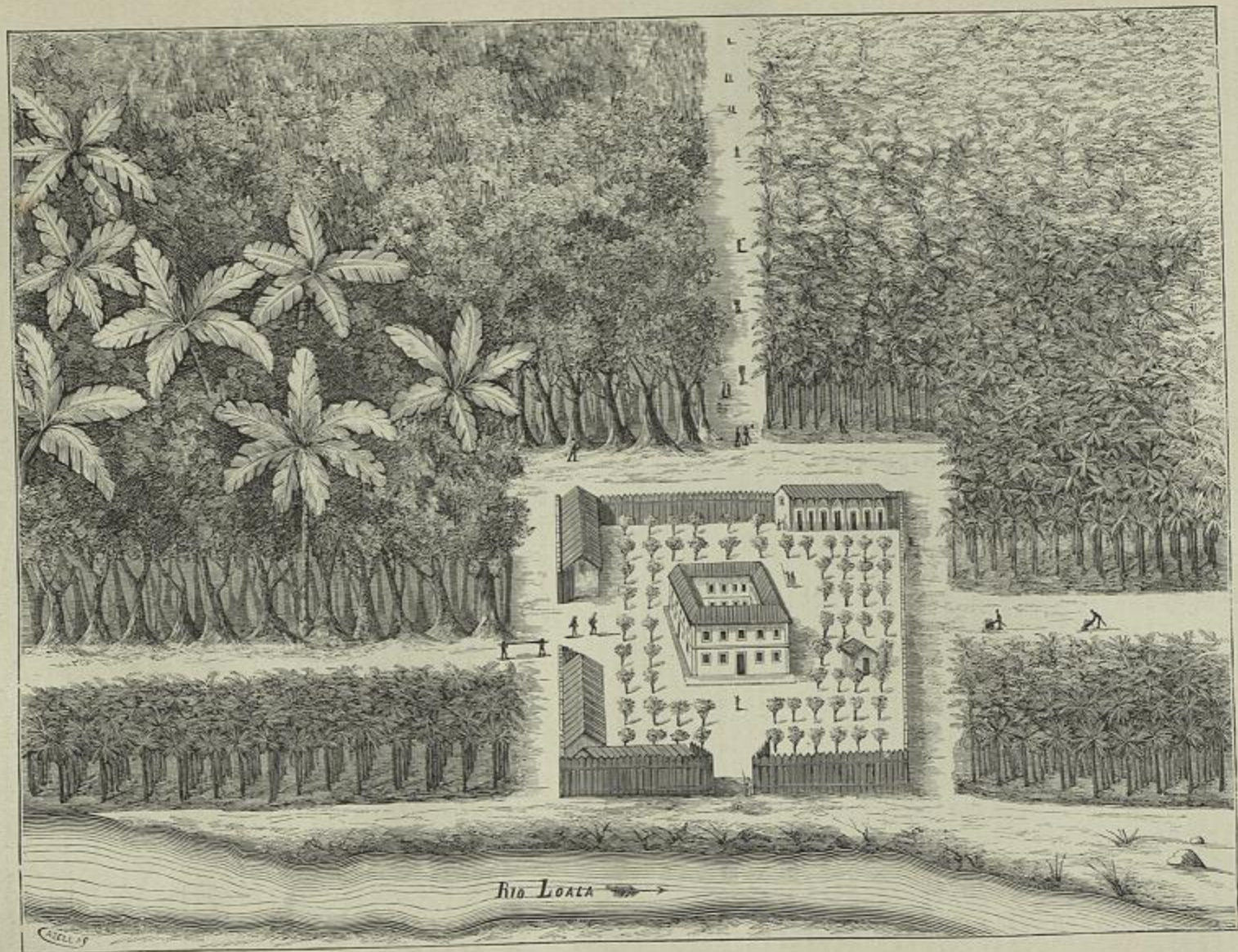
— Ferrou-te algum bicho? Escope-lhe im riba.

— É o teu bem que t'appareceu, Conceição?...

E, na sua familiaridade brincalhona, todas a desafiavam para que se explicasse, na brusca interrupção da cantoria barulhosa; emquanto que a outra, estendendo o braço nú arremangado, e apontando com o dedo, atalhou, n'um encolher d'hombro impaciente:

— Deixaide-vos de lérias! É um barco carregado que alli vae. Nun teve medo de se metter a este rião! Olha! Até parece mal, no meio de tanta agua.

AFRICA PORTUGUEZA — AMBRISETTE, OCCUPADO PELA AUCTORIDADE PORTUGUEZA, EM 22 DE JANEIRO DE 1888

(Segundo uma photographia de Moraes)

AFRICA ORIENTAL PORTUGUEZA — Quane do Marral — Districto de Quelimane

Propriedade do Sr. Romão de Jesus Maria

Curiosamente, as mulheres puzeram-se a ver o temerario barco acuculado de pipas, que descia o Douro torrentuoso com uma assustadora velocidade, arrastado, empurrado, arrebatado pela corrente caudalosa e torva; e como eram parentas de barqueiros, conhecendo os repetidos riscos traiçoeiros e mortiferos da navegação audaz, n'aquelle curso inimigo, que uma extemporanea cheia engrossava e mais embravecia perigosamente, entraram a gabar, n'um pasmo, a coragem do arraes, lamentando choradamente a triste sorte dos marinheiros desconhecidos, que iriam á prôa encolhidos n'uma ancia de vago pavor, segurando as pás sobre os bordos, sem precisarem de remar. Porém a Rabella, tornada muito seria e livida, miseravel nas suas velhas e coçadas roupas luctuosas de viuva, observou gravemente:

—Aquillo é mesmo atentar a morte, o Senhor me perdue.

Lá em baixo, o rio sahia terroso e como fervente, n'um impeto d'enxurro assollador, d'uma estreita garganta penhascosa; e dir-se-ia vomitado pela entranha da terra fendida n'um tal jacto furioso, que as pesadas encostas massiças dos montes recuavam á sua passagem, n'uma permanente fuga apavorada. Depois, encontrando uns cavoucos quasi planos, invadia-os e espraiava-se desafogadamente, n'uma extensão amarellenta de lago agitado, onde alguns choupos reverdecidos emergiam as suas altas cabeças de naufragos immoveis; e viam-se de cada lado, reunidos na resistencia ao perigo, bem chegados á terra e amarrados com valentes cabos, os barcos rabellos ponteagudos e bojudos, encaudados de longas espadellas, uns vasios, outros calados com carregamentos; porque os donos que moravam pelas aldeias visinhas, cautelosamente, tinham suspendido as viagens, não podendo luctar com a ferocidade desabalada das sinistras aguas volumosas. Mas, ao fundo, o rio sempre revolto precipitava-se rugindo na embocadura d'um desfiladeiro apertado; e lá se ia debatendo n'um desespero possante e batalhador, espumante, erriçado de cachões, redomoinhado de ressôlhos, contra os formidaveis fragoedos, que entulhavam o leito e bordavam as margens, ageitados n'uma turbulencia impassivel, como se com a dura penedia a natureza quizesse resguardar a base das serras, temendo que a torrente colerica as fosse minando e esboroando lentamente, e um dia as fizesse desabar, n'uma convulsão immensa de terramoto.

Entretanto, o barco atrevido, procurando habilmente o fio guiador da corrente, governado pelo meio dos turvos pégos em que o sol espelhava clarões d'aço fôsco, escapava-se ás voragens da inundação desnorteadora, que por entre as fragas afogadas parecia distribuir e entrançar diversos riachos enraivecidos,—seguido pela vista interessada das seis commovidas trabalhadeiras; e dentro em pouco, na sua correria forçada e feliz, desappareceu ao longe, sem desastre, carreado na terrivel enxurrada que uma outra garganta curva, em cotovêllo, abrindo-se como um rachão no sólo aprumado, engulia perpetuamente. Então, todo o rio ficou abandonado e deserto, animado apenas pelo açulado susurro das suas cachoeiras, infindavel e rouco, d'uma persistencia monotona e soturna, que a luminosa alacridade dos ares atabafava um pouco; e a Conceição, recomeçando a cavar, disse com um riso:

—Acho que aquelle arraes vae com recado de pressa, ou cousa d'incommenda...

Uma das companheiras retrucou:

—É que tem por lá de s'arreceber inda hoje, e estará a esposada á espera!

E todas voltaram a sachar, atarefadas, esboçando uma cantilena em côro, quando a Rabella murmurou carpidamente, enternecida e lacrymosa:

—Deus o leve a bô salvamento!

Tambem o seu defunto Sebastião se animara a navegar assim, por um alto rio truculento; e todas as gentes do mundo sabiam como essa destemida arrogancia lhe ennegreceu, para sempre, a sua alma queixosa e maguada, e afundou a sua existencia inteira n'uma desgraça sem remedio! Fôra em janeiro, pelos santos Reis, largos annos atraz,—depois d'aquella cheia medonha, que ficou memorada e fallada por ter attingido proporções raramente vistas, mesmo pelas pessoas mais idosas, rudes velhos tropegos mortificados pelos trabalhos, e que ás vezes, sentados nas viellas ou nos soalheiros de inverno, desatam a contar tremulamente as grandes calamidades passadas, ralados de recordações amargurantes, e solemnisados pela crespa e encinzada lã dos seus cabellos encanecidos. Havia passante d'um mez que os barcos se conservavam nos amarradouros, parados e ameaçados, com cargas de pipas trazidas dos caes do paiz vinhateiro e de cereaes vindos da Barca d'Alva; e o homem d'ella, porque ouvisse na vespera, entre as conversas avinhadas da venda, as desafiadoras chanças de alguns arraes que alardeavam, n'um rubro rompante aquecido a muitos quartilhos do maduro, a intenção de botarem afoitamente para o Porto, sem se importarem com o vagar transtornador, e a modo que cheio de ronha, que o rio punha em mingoar convenientemente, tomou-se d'um malfadado capricho, e quiz ser o primeiro a partir com o seu barco, possuido d'uma confiança na sua firme destreza experimentada, que a rivalidade excitava. E logo de madrugada, com uma carrancuda resolução, que nem as lagrimas da mulher tranzida conseguiram amollecer, erguêra-se da cama, e, vestido á pressa, n'um concentrado silencio, sahira sem dizer adeus, fechando a porta devagarinho, talvez para não acordar os filhitos, que resonavam docemente.

Em vão ella buscou ter mão em si! Sentia bem que rebentaria d'affligão, se não corresse a pedir ao seu homem que não embarcasse, n'aquelle dia nefasto,—porque o seu peito nunca a enganou, e o seu fiel coração repetia-lhe, n'um alvoroço, ás batocadas que pareciam rasgar-lh'o, que o Sebastião, cabeçudamente, obstinava-se em implicar com a morte. Pegou ao collo na creancinha de mama, que tinha então, e foi-se velozmente pelos caminhos solitarios, vergastada por uma ventania gelada, que lhe esvoaçava as leves roupas mal conchegadas e as tranças desfeitas, tiritante e angustiada, desvairada e tragica, fugindo na escuridade debaixo do céu lugubre, negramente forrado d'enormes nuvens morosas, com poucas nesgas azuladas por onde tremeluziam estrellas. No ar, esmorecia e dispersava-se imperceptivelmente a incerta poeira obscura da noite que se despedia, no desabrochamento gradual da alvorada; e só se ouvia o regougo do vento, nem os gallos cantavam ainda, nem se mexia a passarada, escondida friorentamente nos sylvados agazalhadores. Esbaforida e quebrada de fadiga, a Rabella chegou á borda do rio, no momento em que o marido, desesperado, ralhando n'uma ira gaguejada com a prudente marinhagem, que se recusava a entrar para o barco, cortava com a navalha um dos cabos da prôa, e perguntava aos seus homens espantados—se queriam que elle fizesse a viagem sósinho! Diante d'esse rasgo valoroso de teimosia, o feitor foi o primeiro a prégar, vencido, transformado por uma céga decisão repentina:

—«O' rapazes, toca lá para dentro, tudo! O nosso amo é quem manda, e elle bem sabe em que se fia!»

Contagiados do enthusiasmo, esquecendo promptamente os seus enervantes receios d'um naufragio que os devorasse, os marinheiros accederam:

—«Pois, vamo-nos embora! Seja o que Deus determinar.»

E tiraram as carapuças e os chapéus, n'um compenetrado respeito devoto, aviando sem palavriado e com gana os preparativos da partida.

Então, vendo inutilisada aquella curta parede que a alumiara d'uma esperança consoladora, ella sahiu bruscamente do recanto ensombrado em que se acobertára; e interveiu, avançou rapidamente, tentou um ultimo esforço salvador, levantando nos braços estendidos, n'uma nervosa imploração, a creança arreliadinha que se estorcia n'um chôro:

—«Pela sorte d'este innocente, Sebastião! te peço que não desamarres hoje!»

Elle virou-se, n'um sobresalto saliente, pareceu admirado, embaçado, empallidecido como d'um susto que o traspassasse passageiramente; mas, com os dentes cerrados, n'uma placidez fingida e má, respondeu:

—«O lugar dasf'emeas é im casa, ouviu? Desappareça-me da minha vista, quando não salto lá fóra, e rufo-lhe dois contapés!»

A pobre, ferida, desfalleceu alli de vergonha, cuspida na cara pelo insulto cruel e insensato, na presença de todos aquelles grosseiros homens, que sorriam, encolhendo os hombros desdenhosamente: e como se arrefecesse, de subito, a sua dedicação fervorosa, tão mal paga, sentou-se na praia, impassivel e muda, abalada de soluços.

O barco largou emfim, afastou-se da margem. Lenta e suja, embrulhada ainda no tenebroso cisco aereo, a manhãsinha aclarava a custo, esbranquiçando friamente a atmosphera nublenta, que se estampava nas corredoras aguas barrentas, relevadas de claridades viscosas, e como que enfarruscadas densamente de fuligem liquida; e ao longo de todo o rio, assombrando o valle echoante com a modorra do seu clamor, e subindo como a evaporação fantastica d'um nevoeiro sonoro, zoeirava a bulha gemente e urrante das cachoeiras successivas, senhora da solidão em que se condensava e crescia, envolvendo ao mesmo tempo a atormentada mulherzinha, penetrando-a, mordendo-a, perseguindo-a como um invisivel e incalculavel supplicio atordoador, e acabando por lhe causar, sem piedade, uma febre d'allucinação. E a Rabella levantou-se, sacudida d'um frenesí doloroso; e, rompendo á desfilada por cima das fragas encavalgadas, atravez d'altos cannaviaes e tufos de junco, foi acompanhando o barco, perdida a cabeça, a gritar loucamente, á tôa, sem descanço:

—«Quem acóde ao meu homem! quem nos acóde!»

De bordo, ninguem se voltava para o lado d'ella, nem dava fé naturalmente da sua exasperada voz. O rangido da espadella pesada, dirigindo o vulto fugitivo da embarcação, impressionava-a estranhamente, como se fosse um sarcastico risinho da fatalidade pairante; e diria que a propria inundação malvada se mostrava exultante, convulsionada n'um atroz prazer, por se lhe deparar alguma victima, antes do seu decrescimento completo. Ora, não tardou que a Rabella estacasse, aterrada,—porque, como vivamente atarantado no meio dos embalos tumultuosos d'um ponto, o barco descrevera um corcovo desastrado; e, batendo n'alguma pedra coberta, tombou n'um relance, gyrou de rodilhão na agua, que o assaltava e repuxava em grossos esparrinhões estilhaçados, descahiu sobre a pôpa, e balançando o seu grande sagro desarvorado, como se aquelle montão arrombado de madeira arquejasse n'uma verdadeira agonia, acalou de repente ao fundo. Entretanto as pipas, despejadas atropelladamente para o rio, seguiam na corrente, semelhantes a um denegrido rebanho fluctuante; e os homens esbracejavam a nadar, rolados na refrega marulhosa, e bradavam por soccorro n'um berreiro entrecortado e dilacerante. Estava consummada a catastrophe, por ella quasi prevista; e a desatremada idéa de que o seu instincto adevinhador fôra o culpado, provocando positivamente, com o aferro da sua prophecia abstracta, a «quebra do barco», suffocou a Rabella, que perdeu o conhecimento de tudo, cambaleou, e, sem accordo, estirou-se desamparadamente na areia.

Ai! antes ella morresse então, como o seu malafortunado homem, como o feitor e todos os marinheiros, que ficaram sepultados nas aguas assassinas, sumindo-se de tal modo, que nem os cadaveres apodrecidos puderam ser pescados! Apenas se salvara o mocinho, que se aguentou Douro abaixo escarranchado n'uma pipa, até que o agarraram. Na aldeia, muitas familias orphanadas vestiram lucto. E desde esse dia tremendo, a dura miseria flagelladora installou-se em casa da Rabella, onde tanta abundancia florescente havia já. Foram-se as fartas fornadas de pão e as boas colheitas; alguns credores apossaram-se sem demora dos campos e d'uns pedaços de matta; não tornou a comprar o seu apontado par de porcos de cada anno, um para a matança, o outro para criação; vendeu os seus preciosos cordões, os anneis e os brincos de ouro; e sem recursos, dentro em pouco, teve de andar aos jornaes pelas propriedades alheias,—ella, que chegára a julgar-se rica e dona de bens invejados,—para se manter e não deixar estalar á fome os seus tres filhos sem pae. Longos tempos, o pranto correu-lhe pelas faces engelhadas, prematuramente avelhentadas, sem nunca se esgotar, marcando dous negros sulcos inextinguiveis.

Quando, lacrymosa, a Rabella cessou de recontar a sua desoladora historia, que frequentemente lembrava como se isso lhe fosse um allivio, as compassivas companheiras, enternecidas, convieram n'um lamento:

—Coitadinho de quem é probe.

E na sua espontanea e funda delicadeza sem apparato, abstiveram-se de cantar, sachando sempre, muito caladas, emquanto a viuva, estremecida d'arraigados pezares, suspirava doridamente. Mas, em torno, longe, perto, outras ranchadas de trabalhadeiras entoavam n'uma folia as velhas cantigas mitigadoras das canceiras, gosavam satisfeitas o martyrio saboroso da vida; os disseminados côros, estridentes ou amortecidos pela distancia, espalhavam-se festivalmente pelo espaço luzente de soalheira, e de facto harmonisavam-se com as eternas e saudaveis alegrias da primavera, que mais uma vez renovava a paizagem verde sob o ceu azul.

Monteiro Ramalho.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

III

CASAS DE ASYLO DE INFANCIA DESVALIDA

Depois de fallarmos das misericordias e hospitaes veiu-nos aos bicos da penna outros estabelecimentos de beneficencia publica, não menos dignos de menção: os *asylos de infancia*.

Appareceu entre nós esta instituição philantropica com a emplantação do systema liberal, ou o triumpho da causa de D. Pedro, que calcou aos pés o absolutismo. Bem haja a liberdade que no nosso paiz começou expargindo as flores da caridade com tanta profusão e tanto carinho! Bem haja, essa filha do céo, que ao crear em Portugal os asylos para as creancinhas levantou, n'essa instituição, perduraveis padrões de amor evangelico, mostrando assim ás nações da Europa que o verdadeiro cultivo moral d'um povo livre só póde advir das suas instituições liberaes!...

Foi o proprio imperador D. Pedro quem mandou organisar os primeiros estatutos d'uma sociedade protectora da infancia desvalida, creando asylos onde se dessem ás creanças pobres e desvalidas, conjunctamente com o gasalho diario, em quanto os paes labutavam nos seus afazeres, a precisa educação e a devida instrucção. Deviam além d'isso esses estabelecimentos de beneficencia tratar de desenvolver e bem formar aquelles cerebros e corações juvenis, incutir-lhes o amor pelo estudo, inspirar-lhes o accatamento pela religião e culto divino, habitual-as ao aceio e á ordem e insufflar-lhes os bons costumes pela moral mais pura e religiosa.

Formou-se pois uma commissão da qual se dignou declarar-se presidente o proprio imperador. Por vogaes teve o duque de Palmella (D. Pedro), o conselheiro Trigoso e D. Lourenço de Lima.

A primeira casa do asylo abriu-se no dia 8 de maio de 1834. Era situada na rua das Escolas Geraes, e foi entregue a sua direcção a D. Anna de Mascarenhas e Athayde. Era casa provisoria e serviu como de ensaio emquanto se não arranjava outro local mais vasto, mas a boa ordem, o aceio e o bom gosto se patentearam desde logo n'essa util instituição.

Era a casa composta de uma sala de entrada muito limpa e muito decentemente mobilada, com logares numerados para se pendurar os saccos de roupa das meninas. Esta sala servia tambem de recreio para as creanças passeiarem e brincarem.

Contigua havia a sala de jantar, tendo ao centro uma mesa de vernis preto, polida e rodeada de vinte bancos altos, de braços. A deslumbrante alvura da toalha, a louça de faiança, branca e polida, fabricada na real fabrica do Rato, copos de folha de Flandres, cestinhos de vime entrançados caprichosamente, cheios de laranjas e de muito bom pão, collocados por ordem sobre os aparadores; em frente da mesa o lavatorio geral, a pequena altura do pavimento, tudo isto dava um aspecto summamente agradavel a este recinto, destinado ao repasto, abundante e sadio, das creanças.

Depois da sala do jantar seguia-se a aula, competentemente adornada dos utensilios do estudo. Na quarta sala havia um leito, com uma cama preparada para no caso de adoecer algum menino, e junto do tôpo da escada o escriptorio ou gabinete das inspectoras, mobilado e adereçado com uma certa elegancia, devida ás gentis e distinctas damas da direcção. (¹)

A' inauguração d'este asylo assistiram o imperador D. Pedro, a imperatriz sua esposa e a sr.ª D. Maria II. Foi uma ceremonia commovedora e digna de ficar registrada nos annaes da historia da casa de Bragança, e marcada indelevelmente entre os rasgos de philantropia praticados pelos nossos reis.

A rainha tomou no seu regio-collo algumas d'aquellas creanças, aparou-lhes laranjas, metteu-lhes os gomos na bocca e depois de lhes prodigalisar muitos affagos e carinhos, abriu a bolsa e repartiu esmolas.

Em quanto isto se passava n'uma parte da sala, mais além a imperatriz levantava nos braços um menino que chorava, affagava-o e procurava entretel-o com alguns briquedos que havia trazido para os distribuir aos pequenitos. O imperador dignou-se lavar, entre as suas, as mãos d'algumas creanças, abrindo elle mesmo as torneiras do lavatorio.

A infanta D. Anna de Jesus Maria não estava menos solicita, bem como as damas do sequito real, a duqueza da Terceira, marqueza da Fronteira, condessa da Ribeira Grande, D. Anna e D. Henriqueta Mascarenhas de Athayde, baroneza do Sobral, D. Luiza Paula Mousinho e D. Leonor da Camara.

O imperador ao fundar esta casa de asylo disse que ella deveria ser denominada *a primeira*, mas que esperava em breve ver seguir-se-lhe outras muitas.

Em 1835 já funccionavam tres casa de asylo, e os subscriptores augmentavam em muito as dadivas em dinheiro e em generos de mobilia e vestuario. A esse tempo já havia fallecido o immortal heroe, restaurador da nossa liberdade, e D. Maria II, herdeira dos sentimentos caridosos do seu augusto pae, havia fundado o asylo da mendicidade, a Santo Antonio dos Capuchos, e outras casas de beneficencia.

Em 1836 fundava-se, além de cinco que havia, um sexto asylo, cujas despezas sahiam exclusivamente do bolsinho de sua magestade: — foi o recolhimento da Lapa. O numero de alumnos d'este asylo andava por uns novecentos e tantos, sendo a despeza mensal de dez a doze libras.

A benefica instituição das casas de asylo da primeira infancia espalhou-se em breve pelas principaes cidades do continente, sendo as primeiras a abrir uma no Porto e outra em Coimbra. A cidade do Funchal lhe seguiu o exemplo abrindo tambem um asylo de infancia.

Entre os bemfeitores que contribuiram generosamente para desenvolvimento d'estas casas sobre-sae o vulto sympathico de Manuel Antonio Vianna Pedra, que dedicou toda a actividade da sua alma e o melhor dos seus haveres a soccorrer as creancinhas, dando-lhes o pão do espirito e os alimentos, o gasalhado e o conforto proprios para as robustecer phisica e moralmente. A este benemerito se deve a fundação do magnifico asylo *D. Pedro V*, no Campo Grande, em 1857, e um outro em Vianna de Castello.

Em 1852 reorganisou-se a sociedade das casas de asylo, por carta regia de 10 de novembro, passada por sua magestade a rainha D. Maria II, e referendada pelo ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães. O fim da sociedade é — o da protecção, educação e instrucção a creanças pobres d'ambos os sexos, logo que tenham acabado a creação do leite, não podendo comtudo serem admittidos os meninos de mais de quatro annos e as meninas de mais de oito. — A instrucção dada consiste na doutrina christã, ler, escrever e contar e todas as mais noções geraes ao alumno da primeira infancia.

A sociedade, da qual é actualmente protectora sua magestade a rainha D. Maria Pia, possue os asylos de S. Thomé, Junqueira, Calafates, Campo de Sant'Anna, Lapa, Santa Quiteria, Ajuda, Arroyos, S. Vicente e Esperança. Os asylos do Lumiar, Santa Catharina, S. João, Campo Grande e D. Luiz, são administrados separadamente.

Sua magestade a rainha, com o seu desvelado coração e caridade inexgotavel, veiu alliar á instituição dos asylos a creação das *Crèches*, abrigando assim no seu manto de rainha centenares de creanças sem conforto e sem pão, que, levantando as mãosinhas para os céos, bemdizem, entre sorrisos e flores, aquella que nos explendores da realeza não as esquece um só momento e procura constantemente suavisar, a essas pobres innocentes, a sua triste condição.

Em tempos dizia no parlamento inglez um estadista notavel, referindo-se ás casas de asylo: —

«Considero o estabelecimento das casas de asylo com um dos maiores aperfeiçoamentos que ha muitos seculos a esta parte se tem effectuado já não direi tanto na educação, mas na civilisação d'este paiz. Nos grandes centros da população onde, por isso mesmo, os crimes são numerosos, é aquelle, sem duvida alguma, o meio mais efficaz, e talvez o unico, de prevenil-os. Fundae casas de asylo, abri escolas, e tereis praticado mais para extirpar o crime, do que por meio das galés, dos degredos e dos trabalhos forçados.»

Preparae a infancia com bons exemplos, robustecei-a com as virtudes que fazem crear no coração os bons sentimentos, e essa nação será feliz. Hoje sois creança, ámanhã cidadão, e mal de vós se não tiverdes ao vosso lado quem vos guie no caminho do dever, quem vos insufle as boas doutrinas, e quem, pouco a pouco, dirija o vosso cerebro na sciencia das cousas, que deve abrir-vos de par em par os áditos da sabedoria e da experiencia.

Silva Pereira.

¹ Além de D. Anna de Athayde eram directoras as ex.mas sr.as duqueza de Bragança, a infanta D. Anna de Jesus Maria, duqueza da Terceira, D. Leonor da Camara e D. Henriqueta de Athayde.

As sub-directoras d'esta primeira casa de asylo foram a condessa da Ribeira Grande, D. Luiza Paula Mousinho e a marqueza de Fronteira.

RESENHA NOTICIOSA

ALBERGUES NOCTURNOS. A Associação dos Albergues Nocturnos comprou uma casa na rua da Cruz dos Poyaes, onde esteve estabelecido o Collegio Villar, para a applicar a um novo albergue que ali vae estabelecer. A casa soffrerá grandes modificações que a tornem apropriada ao fim a que se destina, as quaes constam de um projecto já elaborado. Ficará assim Lisboa com dois hospicios para albergue, no que, relativamente, se avantaja a outras capitaes da Europa. São verdadeiros benemeritos os cavalheiros, á dedicação dos quaes se deve o desenvolvimento que esta instituição, fundada por el-rei D. Luiz e por elle tão carinhosamente protegida, tem tomado, e entre elles muito especialmente o sr. conde de Valenças que tem sido incansavel em promover todos os beneficios e boa organisação que tem feito dos Albergues Nocturnos uma das primeiras instituições de caridade do nosso paiz. Por iniciativa de sua magestade el-rei D. Luiz vão ser creadas escolas d'artes e officios nos Albergues com semi internato para os alumnos. Este melhoramento póde dar os melhores resultados.

UMA HISTORIA DE PORTUGAL EM INGLEZ. O sr. Mac Murdo, coronel americano, a quem foi primeiro concedida a construcção do caminho de ferro de Lourenço Marques, acaba de publicar o primeiro volume de uma historia de Portugal, em inglez, e que tem por titulo: *The history of Portugal from the commencement of the monarchy to the reign of Alfonso III, compiled from portuguese histories*. O sr. Mac Murdo, no prologo com que precede o livro, declara que o merito principal da sua obra o deve a Miss Marianna Monteiro, ao que parece portugueza. Seja como fôr e apesar do auctor seguir muito de perto a historia de Alexandre Herculano, como era natural, são grandes os erros em que cahe, muito provavelmente por má interpretação dos livros que consultou. O sr. Mac Murdo lamenta que a historia de Portugal seja tão pouco conhecida pelos inglezes, quando ella tem tantos pontos de contacto com o seu paiz. Admira o valor d'este pequeno povo, tão grande nas suas descobertas e que conta hoje trinta milhões de individuos que fallam o portuguez.

DESCOBRIMENTO DA AMERICA. O governo hespanhol resolveu commemorar com uma grande exposição, em 1892, a descoberta da America por Christovão Colombo e para isso publicou um decreto de que nos parece interessante transcrever os artigos: Artigo 1.— Com o fim de commemorar o quarto centenario do descobrimento da America e de honrar a memoria de Christovão Colombo, realisar-se-ha no anno de 1892 uma exposição, para concorrer á qual serão convidados o governo de Portugal e os das nações da America latina. 2.º — Essa exposição tem por fim apresentar da maneira mais completa possivel uma idéa do estado em que se encontravam os povoadores da America, na época do seu descobrimento, agrupando para esse fim quantos objectos possam dar idéa do estado de civilisação dos povos que habitavam a America no fim do seculo XV, expondo tambem, e separadamente, os productos da arte, da sciencia e da industria que actualmente caracterisam o estado actual da civilisação das differentes nações da America latina. 3.º — Uma commissão especial receberá a missão de ir á America do Sul para preparar os differentes elementos para a realisação da exposição. Essa commissão irá em um navio de marinha de guerra hespanhola e procederá de accordo com os agentes diplomaticos da Hespanha junto dos diversos estados americanos. 4.º — N'este artigo decreta-se que para as despezas da organisação da exposição se destine uma verba de 500:000 pesetas. Finalmente o artigo 8.º designa quaes os ministros que devem encarregar-se da execução do decreto.

MOEDAS ANTIGAS. O muzeu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, acaba de ser enriquecido com uma collecção de moedas portuguezas dos primeiros tempos da monarchia, offe-

recidas pelo rev. Abilio Augusto de Passos. Estas moedas foram encontradas no castello de Guimarães, junto á torre de menagem.

Francisco de Oliveira Chamiço. Falleceu no dia 20 do mez proximo passado o sr. Francisco de Oliveira Chamiço, director do Banco Nacional Ultramarino e um dos mais distinctos ornamentos do corpo commercial. O sr. Chamiço nasceu na cidade do Porto e era filho de Fortunato de Oliveira Chamiço, negociante da praça do Porto e neto de Braz de Oliveira Chamiço, capitão de mar e guerra, de origem allemã. Dotado de uma intelligencia clara e de uma grande actividade, concorreu com todas as suas forças para muitos dos melhoramentos do paiz, pondo a sua actividade ao serviço do progresso. Foi um dos fundadores da Companhia Utilidade Publica e um dos que mais se empenhou pela viação moderna de Portugal. As provincias do norte deveram-lhe importantes serviços quando elle representou um dos circulos do Porto no parlamento desde 1854 até 1864. Foi tambem um dos fundadores da empreza do Palacio de Crystal, e do Banco Nacional Ultramarino. De uma grande sobriedade em honrarias, recusou, por vezes, algumas que lhe foram offerecidas. Fazia parte do conselho administrativo da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes. Pode-se dizer que o sr. Chamiço tinha a grande virtude do trabalho, pois tendo nascido em berço de oiro, não se ficou na ociosidade vaidosa e antes consumiu a vida trabalhando pelos progressos da patria. A sua morte foi muito sentida.

Exposição d'arte no Atheneu Commercial do Porto. Abriu no dia 2 do corrente a exposição de arte no Atheneu Commercial do Porto. Figuram n'esta exposição alguns quadros e esculpturas apreciaveis de artistas portuenses e de alguns de Lisboa, tendo-se effectuado já a venda de diversas obras. Brevemente nos occuparemos mais de espaço d'esta exposição.

Augusto Marques Pinto. Falleceu no dia 18 de março, no Porto, d'onde era natural, o notavel violinista Augusto Marques Pinto, artista do mais relevante merito, e que ás suas distinctas qualidades artisticas reunia os dotes do mais bondoso coração. O distincto musico era tambem um compositor apreciavel, que entre outras composições deixa ficar duas pequenas operas de letra e musica suas, *Milagre á beira-mar*, em um acto, cantada ha annos no theatro de S. João, do Porto, e *North Bull, o explorador*, em 3 actos, cantada o anno passado, no theatro do Principe Real tambem do Porto. O infeliz artista, de quem havia muito a esperar, succumbiu a um amolecimento cerebral.

Curso de Lingua Hebraica. O sr. Joseph Bénoliel obteve auctorisação para abrir um curso de lingua hebraica, junto do Curso Superior de Letras.

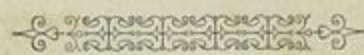
Fallecimento de um artista do «Grupo do Leão». Falleceu em Thomar, onde era professor da escola *Jacome Ratton*, o sr. Cypriano Antonio Martins, socio do *Grupo do Leão* e artista tão apreciavel quanto modesto. Cypriano Martins era filho do actor auctor Braz Martins, que foi um distincto ornamento da scena portugueza. A sua mocidade não lhe correu prospera, como a quasi todos que se dedicam á carreira das artes, em que o estudo absorve uma boa parte da vida, para raras vezes compensar os sacrificios feitos, e foi isto que aconteceu a Cypriano Martins, que por muitos annos passou uma vida dificil. Ha quatro annos tinha principiado para elle uma nova existencia, mais bonançosa, com a sua collocação em professor da escola de arte *Jacome Ratton*, mas, infelizmente, não se gosou muito da sua nova posição, com que aliaz se mostrava tão satisfeito. O *Grupo do Leão* resolveu collocar na sepultura do seu infeliz consocio uma lapida commemorativa, indo para esse fim a Thomar uma deputação do mesmo Grupo. É uma justa homenagem.

O Sultão de Zamzibar. Falleceu o sultão de Zamzibar, Bargasch Ben-Saind. O sultão, de que publicámos o retrato a paginas 56 do decimo volume do Occidente, occupava o throno desde 1870 e era successor de seu irmão Saind-Med-Jid. Bargasch Ben-Saind deixou o throno a seu irmão Said-Kalifa, que é o seu immediato herdeiro, o qual vivia muito modestamente, subsidiado pelo sultão e sob a mais severa vigilancia do mesmo, não podendo sahir de casa sem sua licença. O novo sultão já communicou telegraphicamente ao rei de Portugal a sua elevação ao throno, reiterando os protestos de boa amisade e relações com o nosso paiz.

7.ª EXPOSIÇAO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

IGNEZ DE CASTRO

Quadro de Villaça, adquirido pelo sr. Marquez da Foz

(Segundo photographia do photographo amador sr. Benarus)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Extremocense, *semanario noticioso, politico, imparcial, litterario, etc.* administrador Rodam Tavarez, Extremoz. É mais um novo periodico que vem enfileirar-se na imprensa, reunindo o util e agradavel com que espera agradar aos seus leitores. Que tenha longa vida.

Companhia Geral de Credito Predial Portugueza. *Assemblea geral de 26 de Março de 1888. Relatorios do governo da companhia e contas da gerencia.* Exercicio de 1887. O relatorio que temos presente é mais uma affirmação da prosperidade d'esta companhia, que de anno para anno tem augmentado consideravelmente o movimento das suas transacções. Referindo-nos apenas ao resumo d'este relatorio, na parte que mais importa saber ao publico, encontramos a eloquencia das cifras que accusam a importancia liquida de lucros, no anno findo, em réis 131:842$061, que a direcção propõe applicar do seguinte modo: para dividendo de acções, na razão de 10 por cento do capital desembolsado 90:000$000; para pagamento do imposto de rendimento 819$302; para o fundo especial de amortisação 41:022$759. Este fundo fica elevado a 441:975$856.

Revista Moderna. Redactor principal Heliodoro Salgado. Porto, n.º 1 e 2 do 1.º anno, correspondentes a 5 e 20 de março. Uma publicação litteraria muito apreciavel, que acaba de sahir á luz na cidade do Porto, collaborada por alguns noveis escriptores da moderna geração.

Jornal de Pharmacia e Chimica. *Publicação mensal*, proprietario e redactor F. J. Rosa, Lisboa. N.º 14 do 2.º anno correspondente a março. Continua a sua publicação regular este periodico scientifico que muito deve interessar aos medicos e pharmaceuticos pelas especialidades de que se occupa.

El Teatro Español, *revista biblioteca*, Sevilha. Trata de assumptos theatraes e publica *El Principe Don Carlos*, de D. Diogo Jimenez de Enciro o n.º 24 que temos presente. Esta revista publica-se nos dias 5 e 20 de cada mez e tem dado a publico uma boa collecção de producções do theatro hespanhol.

Regina Paccini, um retrato gravado por L. Lallemant, com uma biographia assignada por Graziel e acompanhado pela musica da aria final da Somnambula, opera em que Regina Paccini tanto se tem distinguido.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa